



Juventude Rural e Protagonismo: caminhos para o desenvolvimento local

Daniel José do Nascimento Ferreira^a e Clayton Hillig^b

Resumo: Este trabalho pretendeu compreender a juventude rural como sujeito protagonista, e como esse protagonismo pode, talvez, apontar caminhos ou incidências para o desenvolvimento, que, aqui, abordaremos sobre o “desenvolvimento local”. O estudo diz respeito a uma situação concreta, a uma realidade, que é nesse meio que se insere a juventude rural. Metodologicamente, o debate se deu ancorado a partir de uma revisão bibliográfica. A análise utilizada para embasar teoricamente as discussões e análises das temáticas centrais foram: sobre Desenvolvimento Local abordou a partir da perspectiva de Franco (1998), Jara (2001), Buarque (2002) e Tauk Santos (2013); o contexto rural fundamentou-se em Veiga

a Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento. Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. danieljferreira@gmail.com <https://orcid.org/0000-0003-0264-4590>

b Doutor em Sociologia Rural. Professor do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. clayton.hillig@ufsm.br

(2002) e Wanderley (2013); e o tema da juventude rural foi ancorado a partir de Castro (2008), Carneiro (1998), Abramo (1997), Wanderley (2007) e Martin-Barbero (2008). Uma das conclusões desta pesquisa foi que o protagonismo permite a valorização e a mobilização dos jovens rurais como energias endógenas, fazendo com que eles sejam referências para a comunidade e para outras juventudes. Ao mesmo tempo, a experiência proporciona eles estarem em espaços políticos e institucionais e também dialogar com outros atores locais externos da comunidade. Todas essas questões são pistas e indícios de que o protagonismo da juventude rural favorece a construção do desenvolvimento local na comunidade.

Palavras-chave: Juventude rural. Protagonismo juvenil. Espaço rural. Desenvolvimento local.

Rural Youth and Protagonism: roads for local development

Daniel José do Nascimento Ferreira^a & Clayton Hillig^b

Abstract: This work was intended to understand the rural youth as a protagonist, and how this leading role may point out paths or incidences for development, which we will address here on “local development”. The study concerns a concrete situation, a reality, which is the way in which rural youth is inserted. Methodologically, the debate was anchored from a bibliographical review. The analysis used to base the discussions and analyzes of the central themes was: on Local Development, from the perspective of Franco (1998), Jara (2001), Buarque (2002) and Tauk Santos (2013); the rural context was based on Veiga (2002) and Wanderley (2013); and the theme of rural youth were anchored from Castro (2008), Carneiro (1998), Abramo (1997), Wanderley (2007) and Martin-Barbero (2008). One of the conclusions of this research was that the leading role allows the valuation and mobilization of the rural youths as endogenous energies, making them be references to the community and other youths. At the same time, it provides them with political and institutional spaces and also dialogues

a MS. in Rural Extension and Development. Doctorate student of the Graduate Program in Rural Extension of UFSM – Federal University of Santa Maria. danieljnferreira@gmail.com

b PhD. in Rural Sociology. Professor of the Postgraduate Program in Rural Extension of UFSM – Federal University of Santa Maria. clayton.hillig@ufsm.br

with other external local actors in the community. All these questions are clues and indications that the leading role of rural youth favors the construction of local development in the community.

Keywords: Rural youth. Juvenile leading role. Rural area. Local development.

Juventud Rural y Protagonismo: caminos para el desarrollo local

Daniel José do Nascimento Ferreira^a y Clayton Hilling^b

Resumen: Este trabajo pretendió comprender la juventud rural como sujeto protagonista, y cómo ese protagonismo puede, quizá, apuntar caminos o incidencias para el desarrollo, que aquí abordaremos sobre el “desarrollo local”. El estudio se refiere a una situación concreta, a una realidad, que es en ese medio que se inserta la juventud rural. Metodológicamente, el debate se ancló a partir de una revisión bibliográfica. El análisis utilizado para basar teóricamente las discusiones y análisis de las temáticas centrales fue: sobre Desarrollo Local abordó desde la perspectiva de Franco (1998), Jara (2001), Buarque (2002) y Tauk Santos (2013); el contexto rural se basó en Veiga (2002) y Wanderley (2013); y el tema de la juventud rural fue anclado a partir de Castro (2008), Carneiro (1998), Abramo (1997), Wanderley (2007) y Martin-Barbero (2008). Una de las conclusiones de esta investigación fue que el protagonismo permite la valorización y la movilización de los jóvenes rurales como energías endógenas, haciendo que sean referencias para la comunidad y para otras juventudes. Al mismo tiempo, la

a Maestría en Extensión Rural y Desarrollo. Alumno de doctorado del Programa de Postgrado en Extensión Rural de la UFSM – Universidad Federal de Santa María. danieljnferreira@gmail.com

b Doctor en Sociología Rural. Profesor del Programa de Postgrado en Extensión Rural de la UFSM – Universidad Federal de Santa María. clayton.hillig@ufsm.br

experiencia les proporciona estar en espacios políticos e institucionales y también dialogar con otros actores locales externos de la comunidad. Todas estas cuestiones son pistas e indicios de que el protagonismo de la juventud rural favorece la construcción del desarrollo local en la comunidad.

Palabras clave: Juventud rural. Protagonismo juvenil. Espacio rural. Desarrollo local.

1. Introdução

Estudar juventude rural é algo desafiador, é entrar em um universo cheio de possibilidades, construções e desconstruções. Pesquisar sobre esse tema é também trazer algum elemento novo para contribuir com a discussão sobre essa categoria; nunca se esgota, nunca se enfada. Este trabalho elencou a juventude rural não como uma problemática face ao mundo urbano (CARNEIRO, 1998; CASTRO, 2005), como trazendo questões como migração, êxodo, inacessibilidade às políticas públicas e hereditária na agricultura familiar (ABRAMOVAY, *et al.*, 1998; BRUMMER, ROSAS e WEISHEIMER, 2000). Entretanto, o objetivo é tentar compreender a juventude rural como sujeito protagonista, e como esse protagonismo pode, talvez, apontar caminhos ou incidências para o desenvolvimento. E que, aqui, abordaremos a partir da perspectiva do desenvolvimento local. Logo mais, debateremos o porquê de eleger o desenvolvimento local como um dos elementos e análise para este debate.

Nesse sentido, é preciso avançar mais nessa discussão envolvendo juventude rural e protagonismo no âmbito da academia. Compreendendo, neste trabalho, o termo protagonismo para referir “os atores que configuram as ações de um movimento social” (GOHN, 2005, p. 9), mas também passou a ser utilizado largamente na sociedade política. A

expressão é um conceito cujo significado é relacional, na medida em que só pode ser compreendido em relação aos diferentes sujeitos, envolvidos num acontecimento.

Colaborando com a discussão anterior, o protagonismo é, para Fernández (1999, p. 341), “la capacidad de actuación de los grupos sociales para superar sus problemas de pobreza”. O autor faz referência à Poética de Aristóteles, onde o conceito de protagonismo “está tomado de la teoría dramática” como o drama significando ação transformadora. “Según esta concepción dramática, la pobreza y los males sociales del subdesarrollo constituyen un escenario socio-existencial de adversidad que en tanto es dinámico puede ser transformado” (FERNÁNDEZ, 1999, p. 341). Além disso, o indivíduo que tem um papel de destaque, é agente principal, dentro de um processo, de uma ação, de um acontecimento, em que o sujeito é tomado como elemento central da prática. É um papel ativo na ação, ou seja, atua significativamente no processo de ações por meio através de uma participação construtiva.

Nessa direção, é que adentraremos na questão sobre o desenvolvimento e do local. Buarque (2002) afirma que o desenvolvimento local constitui um “processo endógeno de mudança que leva ao dinamismo econômico e à melhoria na qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamento humanos” (BUARQUE, 2002, p. 25).

É nesse sentido, que as questões a seguir nortearão o debate deste trabalho: i) Como a juventude rural pode atuar como protagonista na sua comunidade? ii) E até que ponto o protagonismo juvenil rural pode contribuir para o desenvolvimento local?

De fato, ao final, espera-se que este trabalho possa, de alguma forma, contribuir para o debate sobre o protagonismo dos jovens rurais em suas comunidades, do seu papel e contribuição como agente político de mudanças e incidência para o desenvolvimento local. E trazer apontamentos para os estudos e novas abordagens sobre juventude rural para dentro da academia.

2. Percurso metodológico

O estudo diz respeito a uma situação concreta, a uma realidade, que é o meio rural que se insere a juventude rural. Segundo Vasconcelos (2007), “toda pesquisa acerca de uma realidade exige contextualização, descrição da literatura e da teoria existente sobre o tema” (VASCONCELOS, 2007, p. 159). Metodologicamente, o debate será ancorado a partir de uma revisão de literatura.

A revisão de literatura, também chamada “revisão bibliográfica” (ALVES, 1999), “estado da arte” ou “estado do conhecimento” (ANDRÉ; ROMANOWSKI, 2001), visa demonstrar o estágio atual da contribuição acadêmica em torno

de um determinado assunto. Ela proporciona uma visão abrangente de pesquisas e contribuições anteriores, conduzindo ao ponto necessário para investigações futuras e desenvolvimento de estudos posteriores. Comprova a relevância acadêmica do trabalho realizado por um pesquisador.

A revisão de literatura pode ser compreendida também como um trabalho comparativo que permite o progresso do pesquisador em relação ao seu tópico, bem como a avaliação do tratamento dado por outros estudiosos ao assunto pesquisado, como analisam Noronha e Ferreira (2000):

[...] as revisões da literatura são estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (NORONHA; FERREIRA, 2000, p. 191)

A análise utilizada para fundamentar as teorias aplicadas nesta pesquisa foi a partir dos estudos de Desenvolvimento Local abordado por Franco (1998), Jara (2001), Buarque (2002) e Tauk Santos (2013), trazendo uma perspectiva de mobilização de capacidades e energias endógenas. A abordagem sobre o rural fundamentou-se em Veiga (2002) e Wanderley (2013). E sobre

juventude rural, as revisões bibliográficas e os debates foram ancorados a partir de Castro (2008), Carneiro (1998), Abramo (1997), Wanderley (2007) e Martin-Barbero (2008).

Nesse sentido, a pesquisa resultou na análise de livros, artigos, revistas e teses, sobre os temas norteadores desta pesquisa. Laville e Dionne (1999) destacam que não importa o formato dos documentos, o que importa é o que se pode inferir deles, uma vez que “os dados estão lá, resta fazer sua triagem, criticá-los, isto é, julgar sua qualidade em função das necessidades da pesquisa” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 166). O que se pretendeu foi mediante a revisão bibliográfica, com seus aportes teóricos, contribuir para um debate atual sobre juventude rural podendo ser protagonista. E, assim, esse protagonismo contribuir para o desenvolvimento local do seu entorno.

3. Juventude Rural e Protagonismo: diálogos e conexões para o desenvolvimento local

O diferencial, agora, é o protagonismo do jovem e suas possíveis contribuições e implicações para o desenvolvimento local. Nesse sentido, a juventude rural é compreendida como uma categoria socialmente construída, constituindo uma situação específica da condição juvenil determinada pelo lugar de vida (ABRAMO, 1997). O jovem rural tem como característica a vida no meio rural a partir do qual constrói suas

relações familiares, as quais alicerçam sua visão de mundo. Abramo (2005) ainda assinala que não se trata de considerar “a juventude apenas enquanto uma fase de preparação para a vida adulta, mas de reconhecer que elas constroem, no presente, relações que lhe são próprias e que vive experiências singulares” (ABRAMO, 2005, p. 45).

Segundo Nazaré Wanderley (2007) debater sobre jovens rurais também é entender os processos e os territórios nos quais eles estão inseridos:

O estudo da juventude rural supõe a compreensão de uma dupla dinâmica social. Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos jovens e à sua inserção na sociedade (WANDERLEY, 2007, p. 23).

Ainda conforme Wanderley (2007), o cotidiano e as relações estão intrínsecos à dinâmica desses jovens, como:

O passado das tradições familiares – que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro; o presente da vida cotidiana – centrado na educação, no trabalho e na sociabilidade local e o futuro que se expressa, especialmente, através das escolhas profissionais, das estratégias matrimoniais e de constituição

patrimonial, das práticas de herança e sucessão e das estratégias de migração temporária ou definitiva. As relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado – e orientam as alternativas possíveis ao futuro das gerações jovens à reprodução do estabelecimento familiar (WANDERLEY, 2007, p. 23).

Já para Castro (2008), analisar o envolvimento dessa juventude exige um desafio de pensar a reprodução das relações de hierarquia, onde jovens exercem um papel importante nas “falas”, no entanto, não nas práticas (CASTRO, 2008, p. 29). Tais práticas estão associadas ao protagonismo desempenhado por essa juventude rural.

Ainda discorrendo sobre protagonismo juvenil, segundo Costa (2000), a juventude rural apresenta autoestima, identidade, autoconceito, autoconfiança, visão de mundo. A participação enquanto protagonismo deve estar direcionada às ações que incentivem o desenvolvimento, especificamente, o desenvolvimento local.

Sobre oportunidades para essa juventude no meio rural, Martin-Barbero (2008) chama à atenção para as contradições que permeiam aos jovens na sociedade contemporânea. Para ele, “estamos diante de uma juventude que possui mais oportunidade de alcançar a educação e a informação [...]; com grande senso de protagonismo e autodeterminação” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 12).

Nesse sentido, corroborando com Martin-Barbero (2008), as oportunidades e o protagonismo andam, muitas vezes, “entrelaçados” e fazem parte das dinâmicas, do potencial e da força transformadora dessa juventude rural, como agente de mudança da sua própria realidade. Assim, o protagonismo juvenil, tanto como um direito, é algo inerente aos jovens (COSTA, 2000). Nessa perspectiva deve atentar para o olhar local e as significações que eles (os jovens) atribuem à convivência social e cultural em suas comunidades. Nesse caso, “volta-se o olhar para as práticas sociais cotidianas” (FRANÇA, 2002, p. 22 *apud* MISSAU, 2012, p. 11).

Esse cotidiano e essas práticas sociais se dão, muitas vezes, no seu espaço rural. Em qual rural esta juventude rural está inserida? De qual rural estamos falando? Para colaborar com nossas reflexões, remetemo-nos ao Veiga (2002), quando coloca que o mundo rural é maior do que se admite e tem uma vitalidade que as estatísticas oficiais não conseguem revelar. Sobre o tema, Wanderley (2013) assinala que o meio rural, pela sua própria definição, não é mundo isolado, que possa ser entendido como uma realidade autônoma, e acrescenta:

[...] compreendemos o mundo rural enquanto um lugar de vida, isto é, lugar onde se vive (particularidades do modo de vida e referência identitária) e lugar de onde se vê e se vive o mundo

(a cidadania do homem rural e sua inserção na sociedade nacional) (WANDERLEY, 2013, p. 41).

Discorrendo ainda sobre esse universo, Veiga (2002) coloca que o rural está muito além das atividades agropastoris:

Não há nada mais equivocado do que imaginar que o espaço rural está reduzido à dimensão agropastoril. [...] Afirmar que a agricultura é multifuncional significa simplesmente reconhecer que, mediante seu ato de produção, ela assegura outras funções territoriais, ambientais e sociais, que vêm sendo cada vez mais exigidas pela sociedade (VEIGA, 2002, p.88 e 90).

Para além da agricultura e da produção agropecuária, o meio rural oferece outros atrativos econômicos, com destaque para o turismo, o entretenimento e os serviços. Hoje, pensar no meio rural é vislumbrar também outros nichos econômicos, como serviços, lazer, artesanato e gastronomia. É o salão de beleza na comunidade, é o mercadinho próximo da casa da família, é a *lan house*, é grupo da igreja, é o campo de futebol que reúne dezenas de jovens das comunidades vizinhas em campeonato nos finais de semana ou mesmo o bar que oferece comida regional e atrai gente até da cidade (2018 *apud* FERREIRA, 2015)

Parece que estamos falando não mais de um rural apático, atrasado, como, muitas vezes, foi apontado pela literatura e pela academia. Estamos falando de um rural cheio de vida e, talvez,

de oportunidades e de melhores condições de vida para as populações locais. E, é neste “território” que também se insere a juventude rural.

Esse rural parece fecundo e potencial para que os jovens sejam sujeitos/atores dos seus próprios processos de transformação. Tufte (2010) chama à atenção para o fato de a juventude atual “ter encontrado espaços para si mesma na qualidade de ator social, negociando ativamente suas próprias vidas em uma realidade global e, ao mesmo tempo, vivendo no local” (TUFTE, 2010, p. 49).

É nesse contexto que a então globalização da economia e mundialização da cultura trouxeram uma perspectiva de construção do desenvolvimento local. Como consequência, começam a surgir conceitos da construção do conceito de desenvolvimento. Volta-se o olhar para o território, região, município, comunidade, o local.

Portanto, “nunca foi tão forte a preocupação com o desenvolvimento local e a descentralização econômica, social e política, e tão visíveis os movimentos localizados e endógenos de mudanças e desenvolvimento” (BUARQUE, 2002, p. 25). Buarque (2002) ainda assinala que o desenvolvimento local constitui um “processo endógeno de mudança que leva ao dinamismo econômico e à melhoria na qualidade de vida da

população em pequenas unidades territoriais e agrupamento humanos” (BUARQUE, 2002, p. 25).

Nessa mesma direção, Franco (2000) acrescenta que o local se refere ao contexto sócio-territorial das ações. Há ainda a ideia de comunidade, uma vez que para o desenvolvimento local a ação enfoca seu trabalho nas particularidades concretas das múltiplas minorias sociais orgânicas. Franco também observa que é no local onde se concretizam as várias dimensões do desenvolvimento – econômico, social, cultural, ambiental, política e ético – as quais conjuntamente determinam e, particularmente, condicionam o processo (FRANCO, 2000 apud PERRUCI, 2007).

Ainda nessa perspectiva, Tauk Santos e Callou (1995) apontam o desenvolvimento local “como um esforço de mobilização de pequenos grupos no município, na comunidade, no bairro, na rua, a fim de resolver problemas imediatos ligados às questões de sobrevivência econômica, de democratização de decisões, de promoção de justiça social” (TAUK SANTOS; CALLOU, 1995, p. 45). Esse esforço está voltado para a “construção de oportunidades e de melhores condições de vida para as populações locais, mobilizando capacidades e energias endógenas” (ARAÚJO, 1997, p. 26).

Franco (1998) aponta 10 consensos, que poderiam ser chamados de categorias. Estas categorias são estágios/etapas na construção do desenvolvimento local:

- (1) O conceito local não é sinônimo de pequeno e não alude necessariamente à diminuição ou redução;
- (2) É uma via possível para a melhoria de vida das populações;
- (3) É necessário uma estratégia nacional de desenvolvimento que compreenda a sua necessidade e uma política pública consequente;
- (4) A participação do poder local é condição necessária, embora não suficiente, para o êxito de projetos de desenvolvimento local;
- (5) Requer, para sua viabilização, a parceria entre Estado e sociedade civil;
- (6) Pressupõe uma nova dinâmica de iniciativas e empreendimentos;
- (7) Exige transferência de recursos exógenos e a mobilização de recursos endógenos, públicos e privados;
- (8) Permite a presença de agentes de desenvolvimento governamentais, empresariais e da sociedade civil, voluntários e remunerados, colocando questões como mobilização e capacitações desses agentes;
- (9) Invoca uma base de informação desagregada, que permita uma análise

mais apurada da realidade social local, bem como novos indicadores de desenvolvimento, que incorporem índices capazes de aferir os níveis de qualidade de vida e de sustentabilidade alcançados nos diversos momentos do processo;

- (10) E o despertar da população para as possibilidades e para as vantagens de um processo mais solidário através de estratégias de comunicação social compatível (FRANCO, 1998, p. 3).

Nesse mesmo caminho, pode-se identificar ainda em Buarque (2002) outros indicadores de desenvolvimento local, como: a) resulta de múltiplas ações convergentes e complementares, capaz de quebrar a dependência e inércia do subdesenvolvimento e do atraso em localidades periféricas e de promover uma mudança social no território; b) promove interação e sinergia entre qualidade vida da população local; c) depende da capacidade de os atores e a sociedade locais se estruturarem e se mobilizarem, com base nas suas potencialidades e na sua matriz cultural; d) não pode ser confundido com o isolamento da localidade e seu distanciamento dos processos globais, ao contrário, a abertura para os processos externos é um fator de propagação e estímulos à inovação local; e f) constitui um movimento de forte conteúdo interno, dependendo principalmente das próprias capacidades

dos atores locais e das suas potencialidades (2018 *apud* FERREIRA, 2015).

Para Jesus (2003), o desenvolvimento local é compreendido como

[...] um processo que mobiliza pessoas e instituições [...]. Assim, se trata de um esforço localizado e concentrado, isto é, são lideranças, instituições, empresas e habitantes de um determinado lugar que se articulam, com vistas a encontrar atividades que favoreçam mudanças nas condições produção e comercialização de bens e serviços, de forma a proporcionar melhores condições de vida aos cidadãos e cidadãs (JESUS, 2003, p. 72).

É nesse raciocínio que Jara (2001) discorre sobre o desenvolvimento local afirmando que depende do sólido empreendimento em capital humano e capital social¹², tendo em vista a estruturação de ambientes territoriais inovadores, criativos, democráticos e socialmente articulados. O autor assinala que

[...] o capital social estrutura-se na capacidade de auto-organização, com vínculos solidários, colaboração horizontal, canais de participação, instituições e organizações que estimulam a confiança e a reciprocidade nos relacionamentos

12 Para Jara (1998), o conceito de capital social refere-se à qualidade dos relacionamentos sociais e também aos impactos produzidos por esses relacionamentos na vida social e política de uma determinada sociedade.

entre grupos e atores sociais, formando rico tecido social (JARA, 2001, p. 100).

Compreendendo que o desenvolvimento local deve partir do princípio que é preciso investir nas potencialidades locais e das pessoas de forma integrada, desenvolvendo oportunidades econômicas sociais, educativas, ambientais necessárias ao desenvolvimento do ser humano, permanentes e sustentáveis tendo como suporte as forças locais. Mesquita (2009) destaca que o desenvolvimento de uma localidade depende de gente que vive naquela localidade, depende também de muitos outros determinantes e condicionantes externos, mas “sem nenhum desenvolvimento humano e social nenhum processo de desenvolvimento será sustentável” (PIRES, 2006, p. 41).

Para contribuir com a reflexão de Mesquita (2009), Silveira (2007) pontua o protagonismo dos agentes locais e do local como território e espaço de construção para o desenvolvimento local:

[...] o vínculo entre desenvolvimento sustentável e protagonismo local significa, antes de tudo, partir da descoberta, do reconhecimento e da valorização dos atores locais, isto é, das potencialidades e vínculos que podem se ativos a partir de cada território. Considerando que o local não é um dado, e sim uma construção, trata-se de um processo de auto-instituição territorial, o que significa fazer das localidades uma rede, um

encontro entre lugares e fluxos, um território. Em outras palavras, são de relações intersubjetivas e comunicacionais que constituem o local, na qualidade de forças instituintes do território. É também nesse sentido que o desenvolvimento local é entendido como processo construído de baixo para cima e dentro para fora (SILVEIRA, 2007, p. 31).

Para Pires (2006), falar de desenvolvimento local é falar também do protagonismo dos atores locais. De acordo com a pesquisadora, “as perspectivas de desenvolvimento local trazem uma forte referência aos diversos atores sociais, na sua capacidade de ação e articulação”. Esses atores são aqueles que têm “compromisso com a comunidade onde vivem” (PIRES, 2006), como por exemplo, quando se fala de uma juventude rural protagonista e ativa de transformações no seu local, na sua comunidade.

4. Considerações finais

O que se pretendeu até aqui não foi apresentar verdades absolutas, nem apontar “fórmulas mágicas” no que diz respeito o protagonismo da juventude rural para a construção do desenvolvimento local. No entanto, o objetivo deste trabalho foi compreender essa juventude como sujeito protagonista, e como esse protagonismo pode de alguma forma contribuir com o desenvolvimento local.

Aponta-se que protagonismo juvenil rural pode, sim, incidir para o caminho do desenvolvimento local, quando os jovens podem pôr em ação, planos e projetos de melhoria e desenvolvimento de suas localidades, a partir de uma perspectiva de bem comum. O protagonismo, além de ser a oportunidade de dar voz aos jovens rurais, fomenta seu potencial e enquanto um grupo social, efetivando assim uma das formas de libertação e emancipação dos sujeitos em prol da transformação rumo a um mundo melhor.

O protagonismo tende ao esforço de voltar-se para a “construção de oportunidades e de melhores condições de vida para as populações locais, mobilizando capacidades e energias endógenas” (ARAÚJO, 1997, p. 26). A juventude protagonista evidencia suas potencialidades como sujeitos ativos locais.

Ao mesmo tempo, o protagonismo permite a valorização e a mobilização dos jovens rurais como atores locais, fazendo com eles sejam referências para a comunidade e para outras juventudes. Proporciona ainda, eles estarem em espaços políticos e institucionais e também dialogar com outros atores locais externos da comunidade. Todas essas questões são pistas e indícios que a juventude rural protagonista favorece a construção do desenvolvimento local na comunidade.

Espera-se que as reflexões e as abordagens, aqui, tratadas com o protagonismo juvenil nos contextos rurais na perspectiva

do desenvolvimento local, possa contribuir e fomentar no debate da importância da juventude para a construção do desenvolvimento local. Por fim, são questões que não se esgotam para futuras pesquisas no âmbito do protagonismo da juventude rural para o desenvolvimento.

Referências

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; MARTONI, P. P. (Org.). **Retratos da juventude: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abamo, 2005. p. 37-72.

_____. Consideração sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro/RJ, v.3, n.5, mai/jun/ago, 1997.

ALVES, A. J. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: Meus tipos inesquecíveis. **Cadernos de Pesquisa** 81, p. 53-60. 1992.

ANDRÉ, M. E. D. A. de; ROMANOWSKI, J. P. **O tema formação de professores nas teses e dissertações brasileiras**. Caxambu/MG: Anual da ANPEd, 2001.

ARAÚJO, T. B. de. **Desenvolvimento local: possibilidades e limites**. Recife: Mimeo, 1997.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável: metodologia de planejamento**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2002.

BRUMMER, A.; ROSAS, E. N. L. WEISHEIMER, N. Juventude rural e divisão do trabalho na unidade familiar. In: X congresso da

International Rural Sociology IRSA. Rio de Janeiro, 2000. **Anais...**, [s. l.], [s. e.], 2000.

CARNEIRO, M. J. O Ideal Rurbano: a relação campo-cidade no imaginário dos jovens rurais. In: XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1998. **Anais...**, [s. l.], [s. e.], 1998.

CASTRO, E. G. Juventude rural: uma luta cotidiana. Ciências Humanas e Sociais em **Revista Seropédica**, Rio de Janeiro/RJ, v.30, n.2, jul-dez, p.25-31, 2008.

_____. Entre Ficar e Sair: **Uma etnografia da construção social da categoria rural**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, 2005.

COSTA, A. C. G. **Protagonismo Juvenil**: adolescência, educação e participação. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

FERNÁNDEZ. V. F. Televisão – Gêneros televisivos e cultura do protagonismo. In: SUNKEL, G. (Coord.). **El consumo cultural em América Latina – Construcción teórica y líneas de investigación**. Santafé de Bogotá – Colômbia: Andrés Bello, 1999.

FERREIRA, D. José N. **Rádio, convergência midiática e desenvolvimento local**: análise das apropriações da proposta do projeto Riachos do Velho Chico pelos jovens comunicadores do município de Triunfo – PE. Orientadora: Maria Salett Tauk Santos. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Recife, 2015.

FRANCO, A. de. Desenvolvimento Local integrado e sustentável: Dez Consensos. **Revista Proposta**. Fase: nº78 –Setembro/Novembro de 1998.

GOHN, M. da G. **O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias**. São Paulo: Cortez, 2005.

JARA, C. J. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Recife: IICA, 1998.

JESUS, P. de. “Desenvolvimento Local”. In: CATANI, A. D. **A Outra Economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, p. 72-75, 2003.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARTIN-BARBERO, J. A Mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: **Culturas juvenis no século XXI**. (Organização: Sílvia H. S. Borelli e João Freire Filho). São Paulo: Educ, 2008.

MESQUISTA, G. B. **Jornalismo e Desenvolvimento Local: Análise do Jornal do Comércio Agreste, Pernambuco**. 2009. Orientadora: Maria Salett Tauk Santos. Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Departamento de Educação. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

MISSAU, L. D. **TV OVO: a representação de identidades juvenis no audiovisual**. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria – RS. 2012.

NORONHA, D. P.; FERREIRA, Sueli Mara S. P. Revisões de literatura. In: CAMPELLO, B. S.; CONDÓN, B. V.; KREMEER, J. M. (Orgs.). **Fontes de informações para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 191.

PERRUCI, A. E. da C. **Extensão pesqueira, desenvolvimento local e participação popular**: estudo de recepção do programa de combate à pobreza rural pelos pescadores familiares de Tejucupapo, Goiana-Pernambuco. Dissertação do Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2007.

PIRES, M. L. L. S. A (re) significação da extensão rural a partir da ótica da inclusão: a via cooperativa em debate. In: Jorge T. R. de Lima (org.). **Extensão Rural e desenvolvimento sustentável**. Recife, Bagaço, 2006.

SILVEIRA, C. Desenvolvimento local e novos arranjos sócioinstitucionais: algumas referências para a questão da governança. In: **Políticas para o desenvolvimento local**. DOWBOR, L. POCHMANN, M (org.). São Paulo: Editora Perceus Abramo, 2007.

TAUK SANTOS, M. S.; CALLOU, A. B. F. **Extensão Rural – Extensão Pesqueira**: estratégias de ensino e pesquisa. Recife: FASA, 2013.

_____. Desafios da comunicação rural em tempo de desenvolvimento local. Signo Revista de Comunicação Integrada, João Pessoa, ano II, p.42-47, set. 1995.

TUFTE, T. Juventude, Comunicação e Mudança Social: negociação da vida de jovens em uma realidade global. **Revista**

Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom, v 33, n° 2, jul/dez 2010. São Paulo: INTERCOM 2010 p. 51-72.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VEIGA, J. E. da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano de que se imagina. Campinas: Autores Associados, 2002.

WANDERLEY, M. de N. B. **Juventude rural**: vida no campo e projetos para o futuro. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

_____. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. **Juventude Rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 21-34.